



“Aquiraz, que me ficou nos olhos!”
Homenagem ao professor Rafael Moreira.

Aquiraz, eso se me quedó grabado en los ojos!”
Homenaje al profesor Rafael Moreira

E1_S1 - Paisagens globais e transfronteiriças: histórias conectadas.

Clovis Jucá

Instituto de Arquitetura e Urbanismo e Design,
Universidade Federal do Ceará, Brasil
clovisjuca@gmail.com

Resumo: Este escrito é um texto homenagem e de agradecimento ao Professor Rafael Moreira por sua contribuição para a história da arte, arquitetura e da cidade portuguesa e brasileira. Apresenta série de e-mails enviados pelo mestre ao autor do artigo, com sugestões de leituras, hipóteses várias sobre a circulação de homens, ideias e formas arquitetônicas entre o território cearense e o Reino, sobre a história da arquitetura e do urbanismo no Ceará e no mundo português. Neste sentido, busca explicitar sua larga generosidade intelectual.

Palavras-chave: Rafael Moreira, Ceará, Brasil, Portugal.

Resumen: Este escrito es un texto de homenaje y agradecimiento al profesor Rafael Moreira por su contribución a la historia del arte, la arquitectura y la ciudad portuguesa y brasileña. Presenta una serie de correos electrónicos enviados por el maestro al autor del artículo, con lecturas sugeridas, diversas hipótesis sobre la circulación de hombres, ideas y formas arquitectónicas entre el territorio de Ceará y el Reino, sobre la historia de la arquitectura y el urbanismo en Ceará y el mundo portugués. En este sentido, busca explicar su amplia generosidad intelectual.

Palabras clave: Rafael Moreira, Ceará, Brasil, Portugal.

Introdução

Este escrito é um texto homenagem e de agradecimento ao Professor Rafael Moreira por sua generosidade intelectual, por sua contribuição para a história da arte, arquitetura e da cidade portuguesa e brasileira. Entre 2010 e 2025, ano de seu falecimento, foram inúmeros os encontros, troca de e-mails e telefonemas, sempre regados com sugestões de leituras, de hipóteses várias sobre a história da arquitetura e do urbanismo no Ceará e no mundo português, sobre a circulação de homens, ideias e formas arquitetônicas entre o território cearense e o Reino. As indicações de acervos, de fontes secundárias e primárias foram perenes. Cada conversa foi sinônimo de aprendizado, de amplificação dos saberes sobre a arquitetura e a cidade de Portugal e do Brasil. No transcurso do tempo, o estar com o mestre fez brilhar valiosas impressões do historiador da arte e da arquitetura sobre a arquitetura religiosa cearense, mais especificamente sobre a Igreja de São José do Ribamar em Aquiraz e a Igreja de Nossa Senhora da Conceição de Almofala no Ceará, e sobre o desenho setecentista de algumas cidades cearenses. Impressionava a empolgação e a modéstia do professor quando lhe era apresentado alguma fonte inédita sobre a presença de engenheiros militares portugueses na Capitania do Ceará. Durante período de pós doutorado em Lisboa, no ano de 2020, cada orientação enriqueceu consideravelmente meu arco de entendimento sobre o tema tratado. Eram orientações aulas. Após meu retorno à Fortaleza, a troca de e-mails e telefonemas continuaram, sempre com a mesma toada de uma conversa larga, inquieta e generosa. Os e-mails também eram verdadeiras aulas. Este texto homenagem procura explicitar, se isto é possível, a grandeza do conhecimento histórico e a generosidade intelectual do professor Rafael Moreira nestes anos de convivência.

O primeiro contato com a obra do Professor Rafael Moreira

No início dos anos 2000, como professor recém ingresso do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Ceará (UFC), os textos do professor Rafael Moreira começaram a estar presentes na minha mesa de trabalho, a povoar minhas inquietações, a ventilar minhas pesquisas. Ainda hoje ministro, no atual Instituto de Arquitetura e Urbanismo e Design da Universidade Federal do Ceará (UFC), as disciplinas de História da Arquitetura e do Urbanismo do Brasil colônia e História da Arquitetura e do Urbanismo do Renascimento ao Barroco Internacional.

Na altura, lembro meu eterno mestre, o arquiteto e professor José Liberal de Castro, indicando a leitura do professor Rafael Moreira, a atenção para seus artigos, mencionando suas incursões no Urbanismo e na Arquitetura Militar Portuguesa, discorrendo sobre o pioneirismo de Rafael Moreira nos temas em questão. A indicação do mestre não podia ser desconsiderada.

Na esteira das comemorações dos 500 anos do descobrimento, como aluno de Doutorado de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e preocupado com os primórdios da urbanização do Ceará, me aproximo das pesquisas nacionais e internacionais sobre a urbanística portuguesa. Lecionando sobre a arquitetura e sobre o processo de urbanização da colônia e do império brasileiro identifiquei lacunas historiográficas sobre processo de urbanização cearense nos setecentos e nos oitocentos. Exceto trabalhos pontuais do professor José Liberal de Castro, nada ou quase nada, de maneira sistemática, havia sido escrito sobre a rede urbana do Ceará, sobre a fundação de suas vilas no século XVIII. Na altura, os meus esforços se voltaram para percepção e análise da distância entre as diretrizes urbanísticas pensadas em laboratório na distante Lisboa e o que de fato fora aplicado nos sertões cearenses.



É neste contexto que, definitivamente, me aproximo dos trabalhos do professor Rafael Moreira. Dentre outros, o escrito *Miguel Arruda e o primeiro projeto de Salvador* (2003) foi seminal. Assim como, na época, também foi basilar o livro *Imagens de vilas e cidades do Brasil Colonial* (2000) do professor Nestor Goulart Reis Filho, da professora Beatriz Bueno, pelo conjunto cartográfico apresentado. Sobre isto ninguém precisa falar. Todos nós conhecemos a grandeza da publicação

O artigo *Miguel Arruda e o primeiro projeto de Salvador* (2003) do Professor Rafael Moreira foi um dos disparos para entendimento da existência de um projeto de urbanização, de desenho urbano, de fazer vilas e cidades, por parte do governo português em território brasileiro. É certo que o professor Nestor Goulart Reis Filho já havia explicitado a compreensão do processo de urbanização como etapa do processo de colonização, no livro *Contribuições ao Estudo da Evolução Urbana no Brasil* (1968).

Juntamente com a escrita de *Miguel Arruda e o primeiro projeto de Salvador* e na esteira de sua largueza, o texto *Uma utopia urbanística pombalina: o “Tratado de Ruação” de José de Figueiredo Seixas* – originalmente publicado em *Pombal Revisitado: Comunicações ao Colóquio Internacional organizado pela comissão das Comemorações do 2º Centenário da Morte do Marquês de Pombal em 1984* - impressionou pela existência utópica de um desenho em forma de tratado no mundo português. Quanto ao tratado, o professor Rafael Moreira afirma ser um verdadeiro “sonho de urbanista”.

“Impressões do Ceará.”

Em 17 de novembro de 2010, recebi um e-mail da professora Beatriz Bueno avisando da chegada do professor Rafael Moreira em Fortaleza e se eu poderia recepcioná-lo. De imediato recebo o e-mail do professor dizendo: “Minha grande amiga Bia Siqueira Bueno me indicou seu nome como sendo o ideal: por isso estou lhe escrevendo”. O professor queria ir à Aquiraz e conversar sobre a “evolução” urbana de Fortaleza.

O professor Rafael Moreira chegou na capital cearense no dia 19 de novembro. No dia seguinte fomos à Aquiraz. A cidade de Aquiraz dista cerca de 30 km de Fortaleza no litoral leste. Vila do Aquiraz foi fundada em 1713 (Jucá Neto, 2012). Na cidade, o desenho da praça, a arquitetura do Mercado da Carne e da Igreja de São José do Ribamar e especialmente o forro pintado da capela-mor fez brilhar seus olhos. A visita rendeu muitas conversas, muito aprendizado. De volta à Lisboa, o professor manda e-mail aula, “Impressões do Ceará”, e fez considerações sobre como a cidade e a Igreja o encantou.

De: Rafael Moreira
Para: clovisj@uol.com.br
Assunto: **Impressões do Ceará.**
Enviada em: 28/11/2010

Caro Clóvis:

Apenas hoje tenho tempo de agradecer todas as amabilidades e simpatia que teve comigo, o ir-me buscar no aeroporto, os passeios por Fortaleza, almoços e jantares - e a inesquecível ida ao Aquiraz, que me ficou nos olhos! Muito obrigado por tudo.



Fortaleza continua a mesma: uma ótima cidade, cada vez maior, mas horrenda com seus espigões desordenados e um "centro histórico"(?) vazio, que me pareceu quase morto. Já Aquiraz ultrapassou de longe as melhores expectativas. Que lugar lindo!

O Mercado, visto de longe, é bem interessante, mas pareceu-me obra já tardia, das primeiras décadas do séc. XIX, não? A Praça é um encanto de proporções e de escala, e apesar de muitas casas modificadas mantém uma unidade rara, imponente. Curioso que a impressão geral é a de uma cidade de interior (por oposição a Fortaleza?), sem nada de portuário embora o mar não esteja longe, creio: uma verdadeira capital. Não conheço muitas praças assim no Brasil... (O facto de a igreja estar de lado, com seu adro e cruzeiro talvez de inícios do XIX, é a prova de que ali o essencial é mesmo "a Praça", com um carácter mais civil e urbano do que religioso - um polo oposto ao da destruída igreja e colégio dos Jesuítas.)

Mas a maravilha é mesmo a matriz de S. José de Ribamar (o nome antigo de Algés, um arrabalde de Lisboa). Mantém uma harmonia de volumes e uma presença impressionantes, que não esperava. Os óculos altos são bem nortistas, mas o conjunto é de arquitetura do Nordeste: as torres fortes e quadradas enquadrando a fachada mais delicada é uma composição de raiz serliana. Os lados levemente encurvados não devam ser anteriores ao meado do XVIII. Mas a porta é claramente da 1ª metade. Um quebra-cabeças...

A impressão geral é de uma arquitetura sólida e culta - quase diria erudita - de alguém que conhecia bem as coisas da capital Salvador mas soube adaptá-las ao clima do sertão: quem seria? Não há documentos? Em S. Luís não há nada semelhante - nem a Sé, ex-igrejados Jesuítas, do Pe. Bettendorf (1689), inspirada "nos princípios de Vitruvius e na igreja do Loreto (dos Italianos) em Lisboa"...

A capela-mor, com seu forro de caixotões repintados no XIX mas original do início do XVIII, é uma beleza. A nave não terá tido o mesmo forro? O púlpito tem iconografia muito interessante, intrigante mesmo. E a pia batismal é da 1ª met. do XVIII com toda a certeza, com a sua base em coluna salomônica e pia em pétalas grossas.

Enfim, toda a vila é uma *jóia preciosa* que vocês guardam ali bem escondida. Porquê, quando vale mil vezes qualquer Jericoacoara ou passeio da Beira-Mar?! O Turismo do Ceará precisa de a "descobrir" - e a História da Arte nem se fala...

A carne-seca do "Colher de Pau" fica pra outra vez (talvez rápido: em 2-6 Abril tenho o VIII Colóquio Luso-Brasileiro de História da Arte em Belém do Pará e tenho de passar por Fortaleza - antes, só o Aeroporto; agora, já sei: AQUIRAZ!).

Obrigado uma vez mais, cumprimentos ao Prof. Liberal - que gostei muito de rever, enxuto e de cabeça ótima - e até breve espero. Fico à inteira disposição para qualquer coisa aqui de Lisboa.

Grande abraço,
RAFAEL MOREIRA

Noutro e-mail, "Impressões do Ceará (2)", instiga a conversa, com a mesma generosidade intelectual. Já não fala somente de Aquiraz, mas também de Fortaleza, lembrando do encontro com o então secretário de Cultura do Ceará Paulo Linhares e de seu livro, *Cidade de Água e Sal: Por uma Antropologia do Litoral Nordeste sem cana e sem açúcar* (1992).

De: Rafael Moreira
Para: clovisj@uol.com.br
Assunto: **Impressões do Ceará (2)**
Enviada em: 29/11/2010

Caro Clóvis:

Incrível, mas hoje consegui aqui em Lisboa o que não consegui aí: a monografia do Linhares sobre Fortaleza (creio que sua tese de urbanismo em Paris). Pedi-a "emprestada" à diretora do Museu da Fundação Ricardo Espírito Santo - a ela não interessa nada! -, que disse para eu ficar com ela.

Foi em Setembro de 1996 que corri 5 capitais do NE fazendo palestras sobre "A Arte em Portugal no tempo de Camões" nas Academias de Letras e Faculdades, acompanhando uma exposição organizada pela Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses (de que a Ção Amaral era então diretora das relações exteriores): vindos de Teresina e a caminho de Natal, em Fortaleza fomos recebidos pelo presidente da Academia e o secretário de Cultura - o Linhares -, que nos convidou para jantar num restaurantezinho italiano muito simpático. Deu um exemplar à Ção e a mim disse que mandava pelo correio, mas não tivemos mais qualquer contacto. Agora, finalmente, chegou a bom porto... Não entendo por quê não está à venda, sendo o único estudo sério de conjunto sobre a cidade!¹

Relendo meu e-mail, ocorreu-me uma ideia interessante: Aquiraz é a **capital da carne**, a cidade rica e nobre (basta ver o lugar central do Mercado ou açougue), de costas voltadas ao mar, contra a "vila da Fortaleza" cidade do peixe e dos pescadores, mais pobre, socialmente muito inferior. Daí que esteja ligada à rede de vilas e caminhos do sertão - Aracati, Maranguape, Pacajus, Quixadá - e às grandes fazendas de gado do séc. XVIII do vale do Jaguaribe, e não ao litoral (na época considerado algo de desprestigiado: o lugar das jangadas e dos miseráveis). A situação só se inverte em fins do XIX com a nova importância do comércio marítimo e internacional, dos barcos a vapor. O mesmo aconteceu em Alagoas, com a mudança da capital da vila do Desterro para o porto de Maceió por imposição dos Ingleses, e em Sergipe, de S. Cristóvão para Aracaju. Curioso...

Depois do séc. XVI, em que os Portugueses eram "como caranguejos", no XIX o Brasil volta a se centrar na costa. Bom tema para uma tese!

Abçs.
RAFAEL MOREIRA

¹ Hoje o estudo de Margarida Andrade, *Fortaleza em perspectiva histórica: poder e iniciativa privada na apropriação e produção material da cidade (1810-1933)* de 2019, sobre o desenho da cidade de Fortaleza no fim do século XIX e início do XX é incontornável.

No caminhar de seu interesse por Aquiraz lhe enviei, no início de 2011, um livro sobre os painéis pintados do forro da capela mor da igreja de São José do Ribamar – *Painéis de Aquiraz. Joias da Arte Popular do Ceará Colonial*, de Lúcia Helena Galvão. Em seu e-mail de agradecimento, datado de 12 de abril de 2011, o professor fez mais considerações sobre o edifício, sobre a “estrutura técnica da construção” e sobre das “rosetas” pendentes no forro da capela mor. Voltou a afirmar que a igreja, em especial, as pinturas do forro ficaram-lhe “nos olhos”.

De: Rafael Moreira
Para: clovisj@uol.com.br
Assunto: **Aquiraz**
Enviada em: 12/04/2011 | 11:52

Meu caro Clóvis:

Obrigado pelo email e pelo envio do livro sobre as pinturas do forro da capela-mor da igreja de S. José de Ribamar, que me interessa muitíssimo: não pelo estilo e iconografia (cenários da Vida de Cristo são o que há de mais vulgar na época, nem vale a pena procurar paralelos ou fontes...), mas pela própria estrutura técnica da construção, seus suportes - e sobretudo as rosetas pendentes ou "pinhas" torneadas dos ângulos, muito decoradas e polícromas, com distante origem nas chaves penduradas das abóbadas góticas (em pedra) e comuns nas abóbadas de caixotões "ricas" de madeira do século XVII. Ficaram-me nos olhos...

Meu endereço é: PROF. RAFAEL MOREIRA - Departamento de História da Arte - UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA - Av. de Berna, 26-C -1069-061 LISBOA - Portugal. É melhor do que mandar para casa, onde posso não estar e tenho de ir depois pegar no Correio num prazo de 6 dias, senão é devolvido. E obrigado !!

Não sei quando passarei com calma por Fortaleza, de que tenho saudades. Agora vem o Verão (aqui!) e é a época da **invasão** dos turistas portugueses ou donos de casas de praia no Ceará, que são muitos apesar da crise (...ou melhor, por causa da crise).

Em Agosto devo ir passar 1 mês em São Paulo, dando um seminário de Mestrado na FAU/USP num novo curso sobre "Paisagem Cultural Brasileira": mas o curso ainda não foi oficialmente aprovado (a responsável é a Bia Siqueira Bueno), nada está seguro.

De 1 Set. a 30 Nov. estarei em Florença com uma bolsa de investigação na *villa I Tatti*, da Univ. Harvard, para terminar um livro sobre "A Encomenda Artística Portuguesa na Florença do Século XV", em que tenho estado a trabalhar. E no meado de Dezembro tenho um super-congresso ...na ilha de Reunião (nem sei direito onde fica: acho que algures a meio do Índico, entre as Maldivas e o Sul da Índia! mas é um *Departamento do Ultramar* da França, como a Guiana), numa cidade que curiosamente se chama Saint-Louis (mas em homenagem ao XIV, não ao XIII como em São Luís do Maranhão) sobre



Neoclassicismo Colonial, um conceito novo que tem vindo a se firmar para o fim do séc. XVIII e todo o XIX. Vou traçar um paralelo entre 2 casos paradigmas: Goa, capital do Estado da Índia, e a minha São Luís, capital do Estado do Maranhão e Grão-Pará. São iguais! Já Gilberto Freyre, na sua polémica viagem pelas então colônias lusas em 1951, tinha assinalado a extraordinária semelhança, e se perguntado "porquê". Ainda recentemente, um jovem romancista angolano agora muito na moda, o José Eduardo Agualusa - que recebeu uma bolsa para passar um ano em Goa e escrever um romance, o que fez -, repete a mesma observação e perplexidade.

Vou tentar propor uma resposta, dando como exemplo casos concretos de derivação no urbanismo - as ruas largas e retas muito compridas (traçadas por engenheiros militares!), de quadras iguais, as praças sombreadas com jardins, as casas com quintal frondoso e longo corredor com janelas de madeira de rótulas movíveis para refrescar durante as fortes chuvadas... - e arquitetura: as igrejas com frontão em falsa cúpula (vistas de frente, dão a impressão de haver atrás uma enorme cúpula por ilusão de perspectiva, quando é só uma parede estreita!) que no Brasil todo só existem em São Luís, que eu saiba, e são uma invenção das paróquias rurais de Goa a partir de 1720, trazida pelos missionários franciscanos. Há inda muito que fazer e estudar...

Como vê, meu tempo está todo tomado, e bem. Pelo meio, aulas, teses, etc. Não, não sei quando passarei em Fortaleza - até porque meu irmão médico em São Luís deve vir este ano passar as férias em Lisboa (e um passeio à Itália) com a família.

Mas fica o convite feito - e desde já agradeço!! Seria bem bom. E obrigado por tudo!

Cumprimentos ao Prof. Liberal, e até o mais breve possível, espero.

Grande abraço.
RAFAEL MOREIRA

As orientações durante e após o período de Pós-doutorado em Lisboa. 2020.

Em fevereiro de 2020 chego em Lisboa para um Pós-doutorado sob a orientação do professor Rafael Moreira. Dias depois a pandemia abateu o mundo. Os meus estudos vincularam-se à rede de pesquisa *TechNetEMPIRE - Redes técnico-científicas na formação do ambiente construído no Império Português (1647-1871)* sediado na Universidade Nova de Lisboa. No Pós-doutorado – *Mobilidade interconexões. Engenheiros militares portugueses nas capitânias do norte do Brasil (sécs XVI a XIX)* – analisei a ação do engenheiro militar português, em movimento no Reino entre as Capitânias do Norte e o Reino de Portugal. A pesquisa propunha a atualização dos verbetes biobibliográficos referentes aos profissionais que circularam pelas Capitânias do Norte do Brasil, presentes nos dois volumes do *EXPEDIÇÕES CIENTÍFICO-MILITARES ENVIADAS AO BRASIL* de Francisco Souza Viterbo, publicados respectivamente em 1962 e 1964, com coordenação, aditamentos e introdução de Jorge Faro. A indicação do *EXPEDIÇÕES CIENTÍFICO-MILITARES* foi do professor Rafael Moreira.

Mas a pandemia não foi impeditiva para outros encontros, muitos telefonemas e inúmeros e-mails cotidianos, sempre alimentando minhas inquietações. Além das questões corriqueiras do dia a dia,



as conversas giravam, na maioria das vezes, em torno da trajetória dos engenheiros militares que circularam pelo Ceará, tema de minha pesquisa. Foram vários e-mails discorrendo sobre as competências dos profissionais, suas origens, lugares de atuação.

De: Rafael Moreira
Para:clovisjuca@gmail.com.
Assunto: [Eng.] **Diogo da Silveira Veloso (c.1658-c.1750)**
Enviada em:13/07/2020

Clovis,

Como disse, sempre que estudo alguém tento logo saber QUEM ele era, sociologicamente falando: onde e quando nasceu e passou a infância (é fundamental para definir uma pessoa conhecer sua memória-lastro, ocupação e nível de educação dos pais e família, etc.), com quem estudou e o quê, por onde viajou e quais seus primeiros trabalhos... Para o DSV, encontro na net as segs. datas: NASC. c.1658 e M. c.1750 (num site de Genealogia que não consigo abrir, mas talvez consiga). Pode bem ser! Os 3 tratados de 'Geometria Prática' do Luís Serrão Pimentel na Bibl. da Ajuda foram copiados por ele em 1699: pode ter mesmo sido aluno dele (m.1679), ou copiado as apostilas emprestadas por outro (só vendo o original). Em 1702 ele vai para Colônia do Sacramento (Uruguai) e Brasil (naufraga 1706). O tratado 'Fortificação Moderna' escreve na Aula do Recife em 1743: teria 85 anos? Pode ser cópia feita por um discípulo: também só vendo o original se é assinado por ele, e como é essa assinatura. Seja como for, é fundamental saber esse enquadramento social...

Abrçs, R.M.

De: Rafael Moreira
Para:clovisjuca@gmail.com.
Assunto: **De Fernão Veloso a [Eng.] Diogo da Silveira Veloso...**
Enviada em:25/11/2020

Clovis,

Olha que a ideia de ver no camoniano Fernão Veloso o antepassado do nosso engenheiro Diogo da Silveira TEM MUITO que se lhe diga! Esse Fernão Veloso era figura histórica, e muito conhecida: foi citado 2 vezes cada pelos historiadores Fernão Lopes de Castanheda na 'História do Descobrimento e Conquista da Índia' (1551) e João de Barros nas 'Décadas da Ásia', vol. 1 (1552), das principais fontes de Camões n'Os Lusíadas; deu origem a 1 rio e uma grande baía na costa N. de Moçambique, com uma belíssima praia muito turística e uma cidade inteira (olha no 'Google'); a ensaísta Fíama Hasse Pais Brandão diz que ele, já idoso, contava em Lisboa episódios da viagem de Vasco da Gama - em que tinha participado - e imagina conversas dele com Camões que influenciaram o seu perfil n'Os Lusíadas, e pergunta-se mesmo se

não será ele o 'eixo' principal de todo o Canto VI (in "Um diálogo Camões - Veloso?", in 'O labirinto camoniano e outros labirintos', Lisboa, Teorema, 2007, p. 201-3); e n'Os Lusíadas ele é figura central, aventureiro fanfarrão e divertido, amante de contar boas histórias de livros de cavalaria e episódios fora do comum, que aparece umas 4 vezes: no Canto V cujas estrofes 30-36 são sobre sua pequena aventura, no C. VI em que narra o episódio medieval dos Doze de Inglaterra, no X na 'Ilha dos Amores' mítica, e noutra passagem aventureira. Dada a celebridade que Os Lusíadas teve em Portugal, sobretudo na época filipina, ele NÃO PODIA ficar esquecido: seus descendentes tinham de manter sua imagem, fama, e ...nome! Não é nada estranho que um seu bisneto ou trineto, da vila da Pederneira, lhe acrescentasse este nome e o usasse com vaidade familiar ou prosápia, ao longo de várias gerações: seriam o avô e o pai do Diogo da Silveira Veloso. O normal é que o nome de família desaparecesse ao fim de algumas gerações, não que se mantivesse por tanto tempo inalterado...

Abrçs, R.M.

De: Rafael Moreira
Para:clovisjuca@gmail.com.
Assunto: [Eng.] **Silva Paulet (II)**
Enviada em:19/07/2020

ARQUIVO MUNICIPAL DO PORTO –

A 5 de outubro de 1835, o arquiteto municipal Joaquim da Costa Lima Sampaio deu parecer defendendo o projeto aprovado pela Câmara para abertura da Rua Ferreira Borges [rua que atravessa todo o centro do Porto, do Mercado Ferreira Borges ao Palácio da Bolsa, até à Ribeira] em linha reta, julgando-o preferível ao apresentado pelo brigadeiro José António da Silva Paulet. (Conserva-se no Arquivo todo o processo) (Sinal que Paulet exercia então - 2 anos antes de morrer - funções de urbanista no Porto?) Seria bom verificar isto...

Abrçs, R.M.

De: Rafael Moreira
Para:clovisjuca@gmail.com.
Assunto: [Eng.] **Jerónimo Mendes da Paz**
Enviada em:18/07/2020

Esse JMP devia ser de origem cristã-nova, fugidos para Pernambuco (talvez no domínio holandês, como tantos outros). O nome 'Mendes' é típico dos judeus portugueses, e a família 'PAZ' era muito conhecida: riquíssima, no séc. XVI eram quem defendia em Roma junto do Papa os interesses dos Judeus de Portugal - o 'lobby', se diria hoje... - contra a criação da Inquisição, neles se apoiou muito D. Miguel da Silva na sua política anti-D. João III, e eram a grande fortuna do Porto na industrialização do vale do Douro, fomento agrário

e produção do vinho para ser exportado (protegeram o Mestre António, médico de Guimarães que escreveu a 1ª descrição do Minho, e Rui Fernandes, de Lamego, autor de uma obra fundamental que é a primeira a estabelecer a comparação entre uma região - a área em volta de Lamego - e uma obra de arte: as tapeçarias flamengas que os bispos de Lamego colecionavam. Tenho sobre ela um livro e um artigo, e estou fazendo outro agora mesmo...). Como dizia, esses engenheiros militares vinham SEMPRE de meios cultos!

Até amanhã, R.M.

De: Rafael Moreira

Para:clovisjuca@gmail.com.

Assunto: [Eng.] **Jerónimo Mendes da Paz, pai de José Pinhão de Matos...**

Enviada em:19/10/2020.

Clovis,

Já li o Cap. 1 das "Notas para a História do Ceará" do Barão de Studart (está on-line!). Bem interessante... Se o olindense Jerónimo da Paz foi em 1752 escolhido para dirigir a exploração da mina de ouro dos Cariris Novos, SÓ PODE SER porque ele tinha a preparação específica para isso, adquirida tanto com o pai, alferes Francisco Mendes da Paz, antigo 'partidista' na Aula de Engenharia (ou Fortificação) do Recife, e a tradição familiar - gente cristã-nova habituada a lidar com ouro e metais (os Paz eram desde o séc. XVI talvez a família mais rica da cidade do Porto, com rede de representantes pela Europa, e sobretudo em Roma junto do Papa) -, como na própria Aula do Recife, onde se estudava Metalurgia etc. - e Desenho e Pintura! Por isso não admira ele fosse pai do JOSÉ PINHÃO DE MATOS (di-lo o beneditino D. Domingos do Loreto Couto, in "Desagravos do Brasil e Glórias de Pernambuco", 1757, p. 37 dos 'Anais da BN', vol. 25, 1903), militar pernambucano e pintor famoso em Lisboa, onde fez os quadros 'A partida de S. Francisco Xavier para Goa' com vistas panorâmicas de Lisboa e Goa que estão hoje no alto das escadas do MNAA em Lisboa; e outros, que têm sido estudados - sem ninguém saber dessa relação de família dele...

Abrços, R.M.

Na mesma temporada, por vezes driblamos o lockdown, andamos pela cidade e no sentamos no Café Thera, na Praça da Alegria em Lisboa. Os percursos urbanos eram verdadeiras aulas de História da Arquitetura portuguesa. Invariavelmente, eram seguidos por e-mails alargando o tema discutido. Dentre outros, discorreu sobre a igreja do Convento de N.ª Sr.ª de Jesus, da Ordem dos Terceiros Regulares de São Francisco. Durante a visita comentamos sobre a arquitetura e supomos que a obra fora reconstruída após o terremoto de 1750.

De: Rafael Moreira

Para:clovisjuca@gmail.com

Assunto: **Igreja de Jesus.**

Enviada em:02 /07/2020



Clovis,

Tínhamos razão! Acertamos sem saber...

Na igreja do Convento de N^a Sr^a de Jesus, da Ordem dos Terceiros Regulares de São Francisco (não confundir com a 'Ordem Terceira' secular, laica...), desde 1844 paróquia das Mercês (e o convento Hospital de Jesus de um lado e Academia das Ciências de Lisboa do outro), só a abóbada e capela-mor caíram no Terremoto de 1755 / incêndio de 1756: o piso térreo, pilares do coro-alto e aposentos em volta (sacristia, corredores, escadas, etc.) NÃO sofreram tanto quanto o claustro, noviciado e refeitório que hoje vimos ('Museu Maynense').

São obra de DIOGO MARQUES LUCAS (bom arquiteto!), com 1^a pedra em 1615 e inaugurado em 1633, sob padroado do arcebispo de Lisboa e ex-bispo-conde de Coimbra D. João Manuel (que está no túmulo na capela-mor copiado dos Jerónimos; o em frente é dos pais, Condes da Atalaia e Marqueses de Tancos), assim como a capela da Ordem 3^a secular do Hospital, em cruz grega (que não vimos). As pinturas do transepto, muito sujas, eram dos antigos retábulos laterais substituídos pelos de talha dourada, e são de Frei MARCOS DA CRUZ (1610-83), grande pintor muito italianizado, que o Luís de Moura Sobral estudou bem.

Depois do Terremoto, a igreja foi reconstruída sob projeto do arq. Joaquim de Oliveira, de pouco renome (escolhido por Carlos Mardel para seu ajudante em 1762): planta típica pombalina, fachada, piso alto e Biblioteca (atual Salão Nobre da ACL, que não vimos), in. 1766. "É a mais bela fachada das igrejas de Lisboa: movimentada, alegre, um pouco pretenciosa mas de nobreza segura" (J.-A. França, 'Lisboa Pombalina', p. 190), com seu frontão ondulado borrominesco ladeado por balaustradas com fogaréus.

A capela da Sr.^a da Misericórdia, no transepto esq. (Epístola), foi comprada pelo escritor e embaixador na Holanda Antônio de Sousa de Macedo - estudado por Evaldo Cabral de Melo por ter sido quem tratou com os holandeses sua expulsão do NE do Brasil -, autor de todo o programa iconográfico em azulejos que a decora, com símbolos esotéricos e místicos, seu túmulo (e da família), e os versos iniciais e finais de seu poema 'Ulissipo' (publ. 1640) que narra, imitando Camões, a fundação de Lisboa pelo grego Ulisses: é de c. 1680, e ele morre em 1683.

Temos de voltar lá! (E ao 'Caféh Tehran', é claro...)

Abrçs,
R.M.

Mas sua generosidade também foi expressão de cuidado extremo, de carinho. Em Lisboa, durante o Pós-doc. quando a pandemia tomou conta do mundo afligindo nossas vidas, o professor Rafael Moreira me ligava diariamente, duas a três vezes por dia, querendo saber como eu estava, se estava precisando de algo.

As sugestões de leituras.

No compasso da larga generosidade intelectual do Mestre, os e-mails também foram ricos de sugestões de leituras.

De: Rafael Moreira
Para: clovisjuca@gmail.com
Assunto: **Novidades.**
Enviada em: 25 /11/2020

Clovis,

Acabo de comprar (deve chegar semana que vem, espero) um livro recente e que me parece interessante: Rafael MATILLA Páramo e Francisco SEGOVIA Barrientos: 'INGENIEROS, MILITARES, SABIOS. Real y Militar Academia de Matemáticas de Barcelona' (Madrid, 2020) 30 Euros É uma publicação oficial espanhola, mas o Exército de lá tem gente muito boa... (Como a Itália: meu velho amigo AMÉLIO FARA, de Florença, já é general e acho nunca pegou em uma arma, só tem estudado e publicado sobre arquitetura militar: vê no Google!) Vou ler, e se valer a pena quando passar por aí (set. 2021?) te levo, ok?

Abrçs, R.M

De: Rafael Moreira
Para: clovisjuca@gmail.com
Assunto: **Livro a adquirir: FUNDAMENTAL!**
Enviada em: 23 /04/2022

Clovis,

Passei hoje o dia lendo um livro que comprei ontem por acaso, e é absolutamente inovador: ROSBERG FERNANDES (Farias), "DIOGO DE CAMPOS MORENO, O CONQUISTADOR DO MARANHÃO. As Origens do Norte e do Brasil (1603-1615)", Lisbon International Press, 2020, 16 Euros.

O autor é um jovem historiador amador de São Luís, formado em 2011 em História na Univ. Fed. do Maranhão (UFMA), que se meteu em empresário e veio morar acho que em Lisboa onde voltou a investigar temas que o tinham interessado antes: comprou aqui um ms. à venda num sebo, "Memória sobre a Conquista do Maranhão", e com base nele reescreveu toda a história da conquista do Maranhão mostrando que: - a grande figura foi de longe Diogo

12



de Campos Moreno: Jerônimo de Albuquerque era um 'trouxa' confuso e sempre metido em embrulhadas, nomeado Capitão-Mor só por ser amigo do governador-geral do Brasil Diogo de Sousa; - seu sobrinho Martim Afonso de Sousa foi ao Ceará preparar a conquista do "Maranhão" (que incluía as terras de Ibiapaba e Jaguaribe até o Rio Grande do Norte...); - fala muito no "Mapa de Pero Coelho" (inclusive citando o artigo que me deste) e diz que SÓ PODE ter sido feito por Diogo de Campos Moreno, autor do "Livro que dá rezão do Estado do Brasil" (1612), etc. - sabe da atribuição a Martim Afº de Sousa da medalha de ouro da Marinha (2018), mas acha UMA INJUSTIÇA o esquecimento em que caiu seu tio, que foi a mente de tudo! Se puderes compra-o aí, porque VALE MUITO A PENA!!! (Estou estudando para publicar no próximo nº da "Revista da Academia Maranhense de Letras", um ms. da Bibl. Nac. de Madrid: uma "Descripción del Estado del Brasil" que só pode ser do Diogo de Campo Moreno c.1615 - ele morre em 1617 - cheio de novidades!)

Abrçs, R.M.

De: Rafael Moreira

Para:clovisjuca@gmail.com

Assunto: **1º historiador "brasiliense natural do Rio de Janeiro"**

Enviada em: 23 /04/2022

Clovis: Acabo de descobrir agora na net uma coisa INCRÍVEL: Um livro publicado em Lisboa em 1641 por um Diogo Gomes Carneiro, chamado "Oração Apodíxica [Apodíctica, i.e.: afirmativa, certa] aos cismáticos [=que dividem] da pátria...". É um longo discurso - chatíssimo de ler, super-barroco! - em favor da proclamar D. João IV de Bragança como rei de Portugal, Brasil e Índia ...pelo Brasil: o autor, que teve o cargo de primeiro cronista oficial do Brasil em 1658, nasceu no Rio em 1617 ou '18 e morreu pobre em Lisboa em 1676, mas com amigos muito importantes (cf. Alberto Silva, 'O cronista e a crônica do Brasil', Salvador, 1951, UFBA). A Biblioteca Mindlin tem UM exemplar desse livro - mas está 100% por estudar! Foi reeditado por editora de Londres "Forgotten Books"; Ruben de Moraes fala nele - e É SÓ...

Abrçs, R.M.

Neste intermédio, o professor Rafael Moreira me apresentou textos seminais de sua autoria. Dentre outros, *A Circulação das formas. Artes Portáteis, Arquitectura e Urbanismo*, História da Expansão Portuguesa (1998a), *A arte luso-brasileira: modelos, síntese e autonomia* em História da Expansão Portuguesa – Direção do Francisco Bithencourt e Kiti Chauduri (1998b); *As formas artísticas* em Histórias dos Portugueses no Extremo Oriente (1998c); *Arquitectura; Renascimento e Classicismo* em História da Arte Portuguesa (1995); *Leonardo Turriano em Portugal* em Leonardo Turriano ingeniero del Rey (2010) foram importantíssimos, iluminando meus estudos sobre a circulação de formas e gentes nos sertões das Capitanias do Norte.

A visita ao Siupé e à Almofala

Em 2021, o professor Rafael Moreira retornou a Fortaleza. Na temporada, passamos uma semana na praia da Taíba, a cerca de 80 km de Fortaleza (figura 1 e 2). Da Taíba fomos ao Siupé, visitar a pequena Igreja de Nossa Senhora da Soledade do século XVIII (figura 3 e 4), e à cidade de Almofala, no município de Itarema, no litoral oeste do Estado.

Em Almofala há igreja barroca, Igreja de Nossa Senhora da Conceição (figura 5). Um primor. Um doce. O setor esquerdo da fachada é ladeado por uma elegante torre. José Liberal de Castro, em sua tese de livre-docência *Notas relativas à arquitetura antiga do Ceará*, identifica na torre elemento arquitetônico de traço erudito nitidamente joanino, com evidente referência ao coroamento superior das torres do Palácio de Mafra.

Após a visita a Igreja, fomos comer um peixe frito em uma barraca com o mar à sua frente. Na barraca me perguntou se seria possível pegar uma jangada e entrar no mar para vermos a costa. Disse que certamente a torre, com referência a Mafra, fora construída para reverberar a presença da Coroa no litoral cearense após a expulsão dos jesuítas em 1759. A torre deveria ser vista do mar.

Meses depois, li No *Dicionário Geográfico Histórico e Descritivo do Império do Brasil*, de Saint-Adolphe, de 1845, sobre “A torre da igreja da Conceição, que se avista do mar por entre os coqueiros”. O dicionário se propõe a apontar a origem e história de cada província, cidade, vila e aldeia, sua população com comércio, indústria no Brasil. O dicionário reforça a hipótese do professor.



Figura 01: Professor Rafael Moreira – Taíba / Ceará
Fonte: foto do autor, 2021



Figura 01: Professor Rafael Moreira – Taíba / Ceará
Fonte: foto do autor, 2021



Figura 03: Professor Rafael Moreira - Igreja de Nossa Senhora da Soledade – Siupé / Ceará
Fonte: foto do autor, 2021.



Figura 04: Igreja de Nossa Senhora da Soledade – Siupé / Ceará
 Fonte: foto do autor, 2021.



Figura 05: Igreja de Nossa Senhora da Conceição de Almofala no Ceará.
 Fonte: do autor, 2021.

O lançamento do Livro: *A arquitetura do Renascimento no Sul de Portugal: encomenda Régia entre o Moderno e o Romano*.

Retomo ao ponto que marcou estes anos de aproximação. A extrema generosidade intelectual do professor Rafael Moreira. Cada encontro, cada conversa, cada e-mail – todos eles guardados – generosamente abriram possibilidades de outras conversas, de papo infinito, de novas pesquisas na sua mais ampla afirmação, de outras janelas de trabalho. Muitas ideias, porque foram verdadeiramente muitas, se perderam nos labirintos da memória. Mas muitas outras ficaram tatuadas na polaróide das lembranças. Estão anotadas, carinhosamente guardadas esperando o tempo certo para seguirem adiante.

Nesta fresta chego ao livro *A arquitetura do Renascimento no Sul de Portugal: encomenda Régia entre o Moderno e o Romano*, lançado no dia 7 de junho de 2024, na cátedra Jaime Cortesão, USP. O texto é a tese doutoral do Professor Rafael Moreira defendida na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, em 1991. A homenagem contou com a presença do mestre.

Na larga esteira dos argumentos desenvolvidos, evidenciando as conexões de formas e gentes entre a Itália e Portugal nos séculos XV e XVI, da defesa de suas hipóteses tecidas página a página em meio a uma trilha imensurável de fontes primárias, algumas inéditas, o livro é de uma grandeza e de uma generosidade intelectual sem tamanho.

Saltam aos olhos as possibilidades de pesquisas que se abrem a partir de sua leitura. Caminhos que fazem da escrita uma obra inquieta, aberta e atual. Infelizmente, não tenho conhecimento do estado da arte sobre o tema em Portugal, após a tese apresentada pelo professor Rafael Moreira em 1991. Mas tenho certeza da quantidade de pesquisas que foram, ou poderiam ter sido, elaboradas a partir de sua leitura.

Terminei a leitura do livro no voo Fortaleza para São Paulo para participar da homenagem e do minicurso “Arte, Arquitetura e Cidade: Ásia, África e Brasil Global” coordenado pela professora Beatriz Bueno na FAU/USP, com a presença do mestre entre dos dias 3 e 5 de junho de 2024. No final, me dei conta que não havia lido apresentação. E voltei ao começo. Novamente a generosidade do professor Rafael Moreira saltou aos olhos.

Em sua apresentação do livro, o professor indicou caminhos para novas pesquisas. Disse sobre balanços historiográficos que ainda estavam por fazer – por exemplo, sobre a aceitação no Norte de Portugal das “novas correntes e na superação do Proto-Renascimento”. Também indicou que estudos comparativos entre regiões ainda não haviam sido feitos. Que faltava analisar “o terreno onde convergem as diversas forças e a proximidade do poder fez da Arquitectura signo e veículo de ideologias políticas” (Moreira, 2003, p.8). Ou seja, voltou a indicar caminhos de trabalho, fazendo de suas reflexões um espaço aberto, de debates.

Professor, obrigado pela generosidade, pelas conversas, pelos encontros nos cafés de Lisboa, pelos e-mails aulas, pelas visitas ao Ceará, pela amizade.

Referências

- ANDRADE, Margarida Julia F. S. **Fortaleza em perspectiva histórica: poder e iniciativa privada na apropriação e produção material da cidade (1810-1933)**, Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2019.
- CASTRO, José Liberal de. **Notas relativas à Arquitetura Antiga no Ceará**. Fortaleza: Tese Livre-docência. UFC. 1980. (Xérox)
- JUCÁ NETO, Clovis Ramiro. **Primórdios da Urbanização do Ceará**. Fortaleza: BNB / UFC. 2012.
- LINHARES, Paulo. *Cidade de Água e Sal: Por uma Antropologia do Litoral Nordeste sem cana e sem açúcar*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha. 1992.
- MOREIRA, Rafael. Uma utopia urbanística pombalina: o “Tratado de Ruação” de José de Figueiredo Seixas. In: **Pombal Revisitado: Comunicações ao Colóquio Internacional organizado pela comissão das Comemorações do 2º Centenário da Morte do Marquês de Pombal**. Volume III. Lisboa. Editorial Estampa. 1984.
- MOREIRA, Rafael. A circulação das formas: artes portáteis, arquitectura e urbanismo. In: Direcção BETHENCOURT, Francisco; CHAUDHURI, Kirti (dir.). **História da expansão portuguesa**. V. 2: Do Índico ao Atlântico. Lisboa: Círculo de Leitores e Autores. 1998a.
- MOREIRA, Rafael. A arte luso-brasileira: modelos, síntese e autonomia. In: **História da Expansão Portuguesa** – Direcção do Francisco Bethencourt e Kiti Chauduri. Lisboa: Círculo de Leitores e Autores. 1998c
- MOREIRA, Rafael. As formas artísticas. In: Marques, A. H. de Oliveira (dir.). **História dos portugueses no Extremo Oriente**. V. 1, t. 1: Em torno de Macau. Séculos XVI-XVII. Lisboa: Fundação Oriente, 1998c.
- MOREIRA, Rafael. Arquitectura; Renascimento e Classicismo. In: **História da Arte Portuguesa**. Direcção de Paulo Pereira. Volume II. Lisboa: Círculo de Leitores e Autores. 1995.
- MOREIRA, Rafael. Arte da arruação e a cidade Luso-brasileira / O arquiteto Miguel de Arruda e o Primeiro Projeto para Salvador. In: **Cadernos de pesquisa do LAP**. N. 37. Série Urbanização e Urbanismo. São Paulo: USP. 2003.
- MOREIRA, Rafael. A criação da rede urbana no Norte do Brasil: séculos XVI – XVII. In: TEIXEIRA, Manoel C. (coord.). **A construção da cidade brasileira**. Lisboa: Livros Horizonte, 2004. p. 189-202
- MOREIRA, Rafael. Leonardo Turriano em Portugal. In: **Leonardo Turriano ingeniero del Rey**. Madrid: Fundacion Juanelo Turriano / Ediciones Doce Calles. 2010.
- MOREIRA, Rafael. **A Arquitectura do Renascimento no Sul de Portugal: a encomenda régia entre o Moderno e o Romano**. Lisboa: Colibri, 2023.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Contribuição para o estudo da evolução do Brasil (1500-1720)**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora. Editora da Universidade de São Paulo, 1968.

REIS, Nestor Goulart; BUENO, Beatriz Piccolotto Siqueira; BRUNA, Paulo Júlio Valentino. **Imagens de vilas e cidades do Brasil Colonial**. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000. 411 p. (Uspiana Brasil 500 anos).

SAINT-ADOLPHE, J. C. R. Milliet de. **Dicionário geográfico, histórico e descritivo do Império do Brasil**: estudo crítico Maria do Carmos Andrade, Renato Pinto Venâncio. Tradução e acréscimos: Caetano Lopes de Moura. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro; Brasília: IPEA, 2014 (1845).

VITERBO, Sousa. **Expedições Científicos-Militares enviadas ao Brasil**. Coordenação, aditamentos e introdução de Jorge Faro. Volume I. Edições Panorama. Lisboa. 1962.

VITERBO, Sousa. **Expedições Científicos-Militares enviadas ao Brasil**. Coordenação, aditamentos e introdução de Jorge Faro. Volume II. Edições Panorama. Lisboa. 1964.